



CLIMAS



[**André Braga e Cláudia Figueiredo/Circolando**]



“O clima é a variável mais potente a actuar sobre nós”.

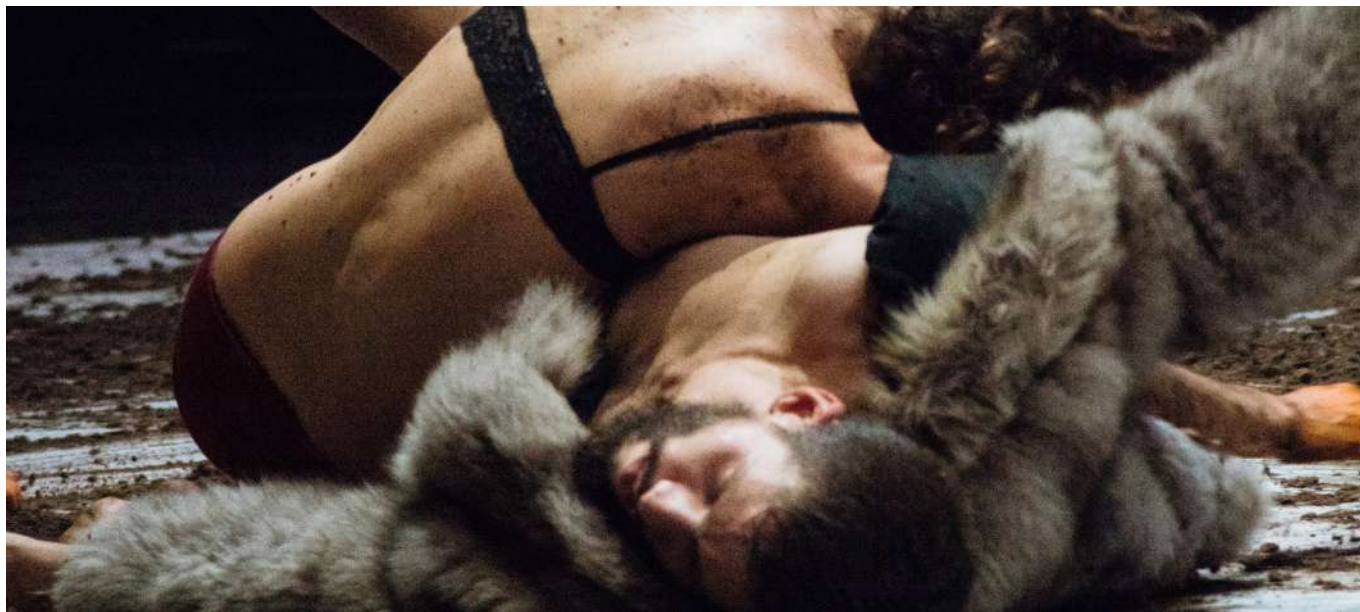
O paralelismo entre o aquecimento global e um estado febril e inquietado aproximaram-nos das temáticas do fim das possibilidades e dessa forma de pântano no limiar da rebentação.

Um espaço feito de cruzamentos foi tomando forma: estação meteorológica, sanatório, estância termal, laboratório artístico.

Tomando como ponto de partida o desígnio goethiano de “reintegrar o céu na paisagem humana”, Climax desafia o potencial performativo dos diálogos felizes entre poesia e climatologia, contemplação e pensamento, explorando a vitalidade e a imprevisibilidade de nos deixarmos atravessar pelas mais variadas forças naturais. Climax deixa-se seduzir pela ideia que a observação atenta da natureza poderá desenvolver no homem uma espécie de novo órgão, uma outra forma de lucidez.



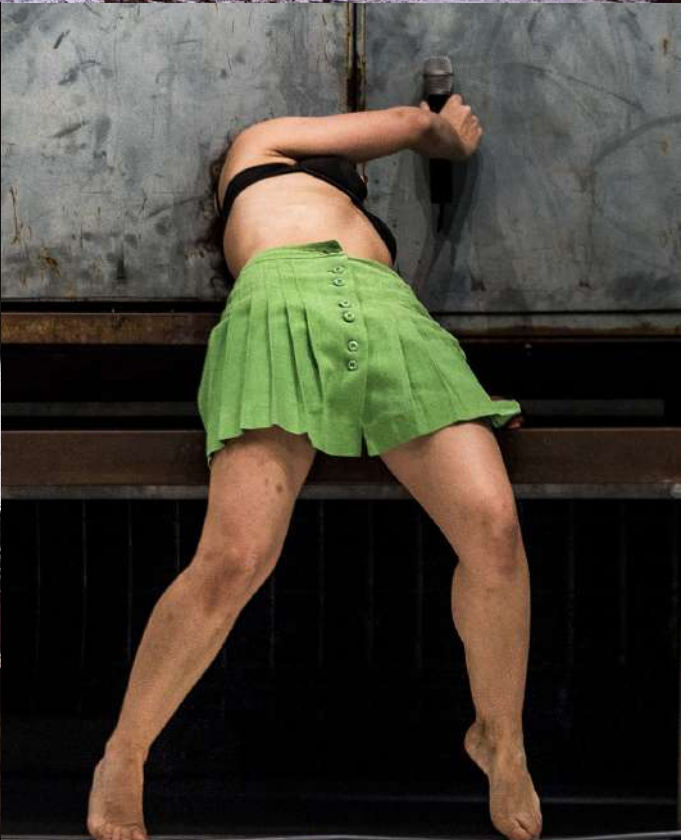




“O que permanece connosco (como sensação, eco, pensamento) é aquilo que mais resiste à interpretação; o indizível; o gesto; o irredutível. [...] É nesta resistência que encontramos a arte que torce, modela e configura novos pensamentos do possível. Neste sentido, a arte é como o tempo [...]; uma força que suporta muitas pressões, tempestades, luzes e humores. Pode assaltar-te e atingir-te no teu núcleo, ou rodear-te e dispersar-te num milhão de fragmentos de luz”

Kathryn Yusoff







Em Climas, foi dado o lugar central à improvisação. Trouxemos as ideias de partida e os materiais-chave e deixámos que o grupo se fosse conduzindo a lugares e situações desconhecidas e inesperadas. Estruturámos depois o material em quatro capítulos: pântano irrespirável; febre seca; coração da terra; buraco negro. Não foi tanto a progressão narrativa que ditou a sua sequenciação, mas mais uma espécie de carta meteorológica com diferentes centros de baixas e altas pressões.





Quatro meros anos depois do quase solo de Areia, momento fundador em que o performer se redescobre corpo e se reinventa numa outra linguagem (...) eis-nos chegados a um espectáculo de maturidade. A um objecto complexo, lúdico e inquietante, onde tudo aquilo que julgamos conhecer se torna espesso e revela materialidades inesperadas, onde as imagens e as perguntas que nos falam de nós e do inferno que somos, das alterações climáticas e dos refúgios desolados para que vamos sendo, humanidade, empurrados não se transformam em programa, em panfleto, antes se evidenciam como estados transitórios, interrogativos, de uma verdadeira filosofia dos sentidos. Ou, como muito melhor diria o Gabiru de Raul Brandão: «O fim lógico da vida não é morrer, é viver sempre, é ascender sempre. Até onde?»

José Luís Ferreira
Produtor e Programador (São Luiz Teatro Municipal, SITE, PoNTI)

Como se fosse um longuíssimo plano sequência, Climax percorre mais uma paleta de estados de alma do que estações meteorológicas e, de forma hábil, faz-nos acreditar no tempo como símbolo de um estado de espírito. Tal como se pudéssemos dizer que a euforia pode ser traduzida pela força de um vento elísio, e a soturnidade pelo prenúncio de trovoadas.

Há várias evocações que nos surgem, (...) De Le Fleuve, de Jean Renoir, filme amargo, amarguíssimo, falsamente deambulatório por um Ganges esperançoso e fatídico, a Replacement, coreografia de Meg Stuart, que retira a estabilidade dos intérpretes e os sujeita a ser corpo, coro, matéria e tragédia de si mesmos, o que André Braga e Cláudia Figueiredo, com seus intérpretes mais do que dedicados, nos oferecem é essa paleta de dificuldades em firmar e formar o caminho que possa servir de guia a uma saída, tal como faz o colectivo grego Blitz com 6AM How to disappear completely, que escavam nas suas próprias dúvidas o caminho a seguir. (...)

Criação sobre o estado das coisas? Sim. Criação em estado de sítio? Absolutamente.

Tiago Bartolomeu Costa
Crítico de dança e teatro e Programador
(Chantiers d'Europe, São Luiz Teatro Municipal - programação internacional)



FICHA ARTÍSTICA

Direcção artística: André Braga e Cláudia Figueiredo

Co-criação e interpretação: Costanza Givone, Daniela Cruz, Gil Mac,
Margarida Gonçalves, Paulo Mota, Ricardo Machado

Direcção e concepção do espaço cénico: André Braga

Dramaturgia: Cláudia Figueiredo

Sonoplastia: André Pires

Vídeo: Gonçalo Mota

Desenho de luz: Francisco Tavares Teles, João Abreu

Realização plástica: Nuno Brandão, Sandra Neves

Direcção de produção: Ana Carvalhosa

Produção executiva: Cláudia Santos

Operação de luz: João Abreu

Operação de som: André Pires e André Braga

Palco e montagem: Nuno Brandão

Apoio técnico e à construção: Vitor Costa e Vadym Furyk

Apoio aos figurinos: Inês Mariana Moitas

Direcção de cena: Ana Carvalhosa e Cláudia Santos

Fotografia: Dinis Santos, João Tuna_TNSJ, Paulo Pimenta_Público e Rui Pinheiro

Design gráfico: Elsa Oliveira

Co-produção/co-produced by Circolando, Teatro Nacional São João,

Culturgest, CMA/Teatro Aveirense

CIRCOLANDO é uma estrutura subsidiada por: **Ministério da Cultura / Direcção Geral das Artes**

Outros apoios: IEFPP / Cace Cultural do Porto

circolando - cooperativa cultural, CRL

geral@circolando.com - www.circolando.com - (+351) 225 189 157 - (+351) 936 272 636